

Concubina do Vampiro

Tão logo que Meriel passasse pelos guardas que se encontravam na grandiosa entrada, ela viu. Ela manteve o rosto impassível, apesar dos sentimentos que queriam sair. Óptimo. Ele era tão bonito como lhe tinham dito. Seria esperar demais que ele fosse um anão.

A mão da sua mestre apertou o seu cotovelo. Meriel olhou para ela.

“Sorri”, murmurou Leean, mas não mais alto que um suspiro, os seus próprios lábios queriam demonstrar. “Parece que estás quase a desafiar alguém para um duelo mortal” .

Tentando não rolar os seus olhos, Meriel sorriu e perguntou tão baixo quanto pode. A banda que tocava do outro lado do salão era alto, mas a música não parava alguém de os escutar. Os convidados eram todos vampiros, depois de tudo.

“Um duelo vai ser rápido. E tem mais honra que …”

O sorriso de Leean não mudou, mas as chamas geladas que viu nos seus olhos azuis deu-lhe uma perspectiva completamente diferente.

“Eu espero que contenhas a tua língua quando falarmos com o mestre Aidan. Eu vou odiar se tiver de a cortar fora se não o fizeres.”

A única reacção de Meriel foi um piscar. Ela sabia bem como disfarçar que ela estava assustada quando tinha à sua volta membros dos doze clãs. Ela não conseguia no entanto, controlar tão bem o seu cheiro. Leean cheirou e endureceu ainda mais.

“Vai e faz aquilo que é suposto que faças, depressa. Ou eu vou dar-te uma verdadeira razão para estar com medo”.

Meriel balanço a cabeça. Ela rangeu os dentes mas fez como lhe tinha sido ensinado e foi ficar na plataforma na parte de trás do salão, juntamente com o grupo de candidatos. Ela não pensava que Leean a fosse colocar em frente a um salão cheio de outros clãs, mas e depois, o que é que sabia sobre o que ela era capaz de fazer?

Um criado atravessou pela multidão em sua direcção, com uma bandeja de bebidas. Os óculos escuros pegaram os olhos e o nariz; ela estava com fome. Mas não era permitido alimentar-se e assim ela tomou uma longa taça de champanhe. Ela tinha que esconder a sua surpresa quando ela percebeu que o garçon se movia para outro convidado. Na garganta do homem, uma série de marcas já curadas estavam visíveis. Então, o Mestre Aidan realmente mantinha humanos como animais de estimação. Interessante.

A beber o champanhe, ela deixou os seus olhos vaguearem pelo salão. Todos os homens usavam smoking e as mulheres desfilavam em extravagantes vestidos, mesmo aqueles que não pareciam candidatos. Chegando à mansão, Meriel sentia-se terrivelmente desconfortável com o corte baixo do seu vestido de cocktail de um profundo violeta. Ela não podia negar que era muito; mas Leean tinha um bom olho para a moda.

Mas não estava cortado para uma briga, porém, era também tão apertado ao corpo que lhe impedia de usar as suas habilidades para a luta e não lhe permitia esconder as armas. Leean riu para ela quando ela apontou para fora. Supostamente, brigas não aconteciam em ocasiões como estas. Era difícil relaxar, no entanto, ela podia avistar membros de pelo menos quatro clãs que lutaram no passado. Se ela veio para isso, os seus finos saltos de madeira iriam fazer óptimas estacas. Afinal, essa era a razão pela qual ela os tinha escolhido.

Pelo canto do olho, ela viu a candidata que estava sentada ao pé do Mestre Aidan com um decote tão grande que parecia que os seios queriam saltar. Como se a exibição não fosse suficiente, ela passou os dedos pelos lábios. Meriel escondeu um grunhido contra o copo. Ela não iria jogar esses jogos, embora as ameaças de Leean ainda pesassem. A sua mestre tinha-a oferecido para esta charada, mas isso não queria dizer que ela fosse fazer figura de parva.

A candidata saiu do palco segurando a cauda do seu vestido encarnado. Metade das mulheres presentes na sala tinham vestidos de numa panoplia de vermelhos, a maioria dos restantes eram pretos, a sua pálida pele brilhava mais por essa razão. Ovelhas, pensou Meriel, divertida, antes de se aperceber que o Mestre Aidan estava também vestido com tons de vermelho e preto. Talvez as cores tenham sido feitas para o agradar? Se era assim, então era tarde para ela fazer algo sobre o vestido – não que ela o fosse fazer.

Um homem passou à frente dela, alto e de ombros largos.Os seus olhos percorreram-lhe o corpo sem o menor indicio de apreciação.

“Os seus sapatos”, ele disse, segurando a sua mão.

Ela olhou para ele. “Eu peço…”

“O Mestre Aidan vai falar agora com você. Mas não vou permitir que te aproximes com esses saltos. Tira-os.”

As candidatas que se encontravam mais perto olharam-na. A raiva de Meriel passou pelas suas veias como mercúrio.

“Quase todas”, ela apontou com a cabeça para as mulheres, “ Podem ter uma estaca por baixo das saias. E você está preocupado com os meus sapatos?”

A sua expressão continuou inexpressiva. A sua mão não vacilou.

“Eu não a deixo aproximar-se dele, a menos...”

“Stephen.”

O homem olhou para o palco ao ouvir o seu nome, e Meriel seguiu os seus olhos. O Mestre Aidan acenou com a cabeça.

“Vá em frente”, disse Stephen, parecendo infeliz. “Mas eu vou manter o olho em você”.

Ignorando a sua advertência, Meriel estendeu-lhe o seu copo quase vazio. Ele deu-lhe um olhar azedo mas aceitou-o. Ela subiu ao palco e aproximou-se do Mestre Aidan. Ele estava sentado muito direito na cadeira tipo-trono, mas o seu pé esquerdo bateu no chão com impaciência, desmentindo a formalidade da ocasião. Ele não era tão largo de ombros como o seu guarda-costas, e a sua camisa e calças apertadas sugeriam um corpo magro mas musculado. Meriel vez uma pequena inclinação- apenas baixo o suficiente para ser respeitosa- e apresentou-se.

“O meu nome é Meriel, do clã da Mestrina Leean”.

Ele inclinou a cabeça e indicou com um assento a sua esquerda, com um dedo coberto de anéis. Os seus olhos castanhos brilharam com diversão, embora o seu sorriso não mudasse.

“Bem vinda, Meriel. Está a gostar da festa?”

Ela sentou-se, colocando o corpo de modo a poder observá-lo mas também a todos os que estavam em frente ao palco. Fiel ás suas palavras, Stephen estava a olhar para ela, com os braços cruzados sobre o peito.

“Eu só cheguei há poucos minutos”, respondeu ela, não querendo começar a sua apresentação para a admissão, com esse tipo de conversa.

Parecia que o Mestre Aidan podia ver através dela, e a sua diversão apareceu novamente. “Eu já fiz essa questão uma dúzia de vezes esta noite. Mas você é a primeira que não começa a elogiar as excelentes festa que eu dou”.

Meriel não se consegui esquivar. Isto não estava a começar da melhor maneira. Ela não tinha a dúvida que Leean estava por perto, observando o processo, e se Meriel não fizesse pelo menos um esforço simbólico, ela ia ter que pagar um inferno.

“Diz-me”, disse o Mestre Aidan. “Por estás aqui?”

Poderia ele ter feito uma pergunta mais fútil? Por que não falar do tempo, enquanto ele estava na dele?

“Eu quero ser sua concubina,” respondeu Meriel com um sorriso forçado, mentalmente pontuando a resposta com um “duh”.

Aidan inclinou-se para ela olhando-a atentamente, as suas sobrancelhas levantaram-se um instante. “Verdade?”

“Claro. Porque outra razão estaria eu aqui?”.

Ele encolheu os ombros. “Algumas das outras candidatas são trazidas pelos pelos seus senhores para serem entregues a mim. Algumas pensam que ao serem minhas concubinas podem conseguir mais poder do que se continuarem no seu clã. Eu penso que uma parte delas está genuinamente atraída por mim. Mas tu… eu não a posso ler.”

Uma onda de pânico caiu sobre ela. Ela tentou sentar-se para trás antes que ele percebe-se.

“Ler-me?”, perguntou ela, as palavras estavam presas na sua garganta. ”Quer dizer, ler a minha mente?”

Se ele pudesse fazer isso, se ele pudesse ver o que Leean estava a planear.-

Ele riu. “Então esse rumor ainda corre por aí? Não, eu sinto mas não posso ler mentes não mais que tu. Eu gostava puder. Então tudo isto podia ir muito mais depressa.”

Com um gesto casual, ele abarcou o palco e as mulheres em frente a ele.

“Então o queria dizer com ler-me?”, insistiu Meriel.

“Tu sabes como é. Tu fazes, também, eu estou certo. Eu apenas tenho mais tempo para praticar.”

Ele parou e arqueou uma sobrancelha para ela, esperando que ela adivinha-se. Ela sabia, claro, ela sentiu-se patética por acreditar nos rumores de leitores de mentes.

“As minhas desculpas”.

Ele assentiu. “A tua linguagem corporal, sim. Os teus sentimentos são demasiado confusos para eu conseguir perceber alguma coisa. Eu não gosto disso.”

Uma onda de alívio percorreu o corpo de Meriel. Ela escondeu a sua reacção tão bem como pode; a última coisa que ela precisava era que Aidan se pergunta-se por que é que ela estava aliviada se ele não percebia porquê.

“Desculpa?”

O seu tom parecia que não enganava Aidan. “De alguma maneira, eu acredito que tu não estás arrependida. E eu também penso que tu não queres na verdade ser minha concubina.”

O pé de Meriel bateu com impaciência um par de vezes antes de se lembrar que tinha de se controlar. Os seus olhos passam por cima da multidão, parando apenas momentaneamente em Leean. Ela estava de um lado da sala com outros dois vampiros, um copo numa mão e um polido sorriso nos lábios enquanto ela parecia ouvir os seus companheiros. Meriel não duvidava nem por um segundo que a atenção da seu mestre estava sobre ela e Aidan. Do sitio onde estava, Leean provalvelmente podia ler os seus lábios. Meriel tinha que ter cuidado com o que dizia.

“Eu estou aqui porque a minha mestre me pediu para vir aqui.” Ela deu-lhe um sorriso, tentando aligeirar o facto. “Não é como se eu estivesse a esconder isso.”

Inclinando o cotovelo do braço do seu trono, Aidan descansou o seu queixo contra o seu punho e observou cuidadosamente Meriel. Os seus olhos brilharam quando se encontram com os dela.

“Ela não manda em ti”.

Meriel não tinha a certeza qual era o ponto da questão. “ Ela não precisava. Mas ela tomou bem conta de mim.”

Ele riu, com um tom sério e inesperado. “Foi mesmo? Respeitar os mais velhos não foi de certeza uma das lições.”

Apesar do medo de zangar a sua mestre, Meriel não podia parar aquela onda de aborrecimento. Mais e mais, ele parecia que estava a gozar com ela.

“Desculpa-me por eu não estar entusiasmada perante a ideia de começar com escravidão”, ela disse bruscamente.

O seu sorriso divertido falhou, e o seu piscar de olhos traiu o seu choque. “Isto é o que tu realmente pensas?”

“Não é? Eu estou a ser trocada pelo direito a que o meu clã possa caçar nesta cidade. Chama-me de concubina ou outra coisa, isso não muda nada.”

Ele pestanejou e recostou-se na cadeira, considerando-a em silêncio por alguns segundos. Ela estragou tudo, pensou Meriel quando ele a dispensou com um gesto do braço. Maldito seja, Leean não ia gostar nada disto. Ela levantou-se e fez uma reverência antes de descer do palco, consciente de que o olhar de Aidan ainda estava sobre ela mesmo quando outra candidata se juntou a ele.

Pegou noutra taça de champanhe numa das bandeijas que circulavam, Meriel fez o caminho através da multidão até chegar à banda, mas Leean depressa a interceptou. Os seus dedos estavam tão apertados contra o copo de sangue que era uma maravilha que o cristal não se tivesse partido.

“Foi o melhor que conseguiste fazer?”, perguntou em voz baixa, o seu sorriso era tão gelado como o inverno nas terras áridas do seu clã.

Meriel encontrou o seu olhar, recusando-se a parecer culpada. Ela não tinha querido fazer isto em primeiro lugar, e Leean sabia disso. “ Você sabia que eu nunca fui uma boa mentirosa”, apontou ela antes de tomar um gole de champanhe.

“Quem é que falou em mentir?” replicou Leean. “Não me digas que não o achas atraente! Tudo o que tinhas que fazer-“

Depois de não lhe ter sido permitido alimentar-se durante sete noites, o álcool estava a deixar Meriel mal-disposta. Isso também a fez ter a ousadia de interromper Leean. “Mestre, desde o principio que eu lhe pedi para escolher outra pessoa.”

“E eu lhe disse”, soltou Leean com um sussuro irritado, “ esta é a razão porque eu te escolhi. Eu tenho observado-o à bastante tempo. Eu sei como ele é. E se tu ao menos tivesses tentado-“

Ela calou-se, juntamente com o resto do salão, quando a banda parou abruptamente de tocar. Ao mesmo tempo, todos os vampiros se viraram para o palco, onde Aidan se encontrava, com as mãos atrás dele. Iria ser anunciada qual tinha sido a sua decisão, Meriel virou-se. Ela estava contente por tudo isto ir acabar, mas ao mesmo tempo ela sabia que iria ser punida por falhar com o seu mestre. O que estaria a Leean a inventar para a punir? Ela tinha uma capacidade cruel e ás vezes, e-

“Criança!”, murmurou Leean. “O que é que esperas?”.

Meriel olhou para ela baralhada. Porque razão estava ela de repente com um sorriso grandioso? E porque razão estava toda a gente a olhar para ela?

“Meriel?” disse Aidan desde o palco, e pelo tom da sua voz, ele tinha chamado o seu nome antes. “ Podes juntar-te a mim para terminarmos a cerimónia?”

Leean pegou no seu copo e deu-lhe um pequeno empurrão para a frente. Meriel continuou a andar em direcção ao palco, parou, e um só pensamento cruzou a sua mente.

Oh, merda! Em que confusão fui eu me meter agora?

\*\*\*\*\*\*

Aidan tinha jogado este jogo mais de uma dúzia de vezes no passado. Ele tinha a certeza de que tinha recebido todos os elogios possiveis, ouvidos todos os argumentos possiveis sobre como seleccionar uma mulher em vez de uma das outras. Ninguém, no entanto, pareceu tão relutante como Meriel. Quando as candidatas era menos dispostas, os seus mestres utilizavam-nas antes de as mandarem para ele. Ele nunca iria conhecer o mestre de Meriel em pessoa, mas ele sabia quem era. Ela não era do tipo de hesitar em trocar alguém, deixando-o sozinho com apenas uma criança. E depois de solicitar o direito de apresentar alguém do seu clã ao fim de 40 anos, ela não era do tipo de deixar passar uma oportunidade apenas por ter escolhido uma mulher tão relutante. Alguma coisa se passava. Tinha passado bastante tempo desde que Aidan esteve intrigado, e no fim, isso era o que ocupava a sua mente.

Isso, e o facto de Meriel ser tão linda como era misteriosa. Mesmo agora quando outra candidata se chegava a ele com palavras adocicadas, Aidan não era capaz de tirar os olhos de Meriel. Ele gostava de todos os tipos de mulheres, mas ele tinha uma queda especial por um corpo curvilineo e longos cabelos encaracolados. E não o incomodava o facto dela ter uma mente afiada – e mesmo uma lingua afiada.

Ele suportou a conversa fútil da outra candidata um pouco mais antes de lhe agradecer. Stephen deu-lhe um olhar interrogativo desde a base do palco. Confiou no seu empregado para noticiar que ele estava pronto para anunciar a sua decisão. Então, Stephen fez sinal à banda. O silêncio caiu na sala mesmo quando os olhos se viraram para ele. Graças a deus, estava quase a acabar.

“Obrigado o todos por terem vindo esta noite”, disse ele com um sorriso agradável. “E obrigado também a todos os candidatos a quem eu tive o prazer de conhecer. Como sempre, a escolha foi dificil, mas tinha que ser feita. Meriel, podes juntar-te a mim no palco?”

Um murmúrio de decepção passou pela multidão, e Aidan pensou ter ouvido alguém a chorar. Ele não deixou que isso o afecta-se, e manteve os seus olhos em Mariel. Ela não se estava a mexer. Olhos curiosos acompanharam-no, interrogando-se por que ninguém andava em frente, e o mestre de Meriel murmurou algumas palavras.

“Meriel?”, chamou ele novamente, um pouco impaciente agora. “Importas-te de te juntares a mim para que possamos terminar a cerimónia?”

Ela finalmente andou em frente. O olhar de surpresa na sua face era inconfundível. Aidan resistiu à vontade de rir. Isto ia ser divertido, mesmo se Stephen estivesse a olhar para ela com clara desaprovação. Ela finalmente chegou ao palco e ficou perto dele, nos seus olhos ainda ardia o choque. Aidan levantou a sua mão esquerda, palma para cima, e depois de um segundo de hesitação, ela colocou tremendo a sua mão direita sobre a dele.

“Há duzentos e oitenta anos,” Aidan introduziu o familiar discurso, “Eu tinha sobre a minha alçada a cidade. Eu a protegia contra errante vampiros sedentos de sangue e clãs vizinhos que podiam ter assassinado os seus habitantes. Eu ganhei a sua confiança e, em troca, o direito de poder caçar para mim e outros entre eles. Este direito, que agora eu vou partilhar com você e o teu clã, Meriel. Para que cresças forte a partir do sangue grátis, e nunca mais vão sentir sede.

Permitindo que as suas presas se alargassem, ele inseriu-as no seu pulso direito. O sangue escorreu das feridas e ele apresentou o seu pulso a Meriel. As suas narinas inflamaram enquanto as suas suas pupilas se dilatavam, o negro afogou o castanho dos seus olhos. Ela segurou seu braço com a mão livre e levou-o à boca, fechando os seus olhos com o prazer antecipado antes de começar a beber. Ela bebeu com vigor. Aidan abriu os seus lábios ou ele perderia o folêgo. Os últimos candidados que ele tinha escolhido tinham-se dobrado humildemente para o seu sangue durante a cerimónia. A agressividade de Meriel enquanto ela bebia dele era uma coisa completamente diferente – e julgando pela palpitação do seu pénis, o seu corpo não se importava minimamente.

Quando ela parou, o seu sangue continuou em sua boca, e nos seus olhos ardia um fogo feroz. O pénis de Aidan saltou quase dolosamente dentro das suas calças. Ela era linda. Ela limpou uma gota de sangue que descia pela seu queixo, manchando um pouco mais, em seguida, limpou a sua garganta e pronunciou, um pouco trémula, os votos que tinha sido pedido que todos os candidatos memorizassem.

“Meu clã e eu agradecemos os vossos dons, e esperamos não abusar da sua generosidade. Durante dez anos, a minha presença a seu lado será o símbolo da nossa promessa, e como vossa concubina eu vou partilhar o meu sangue com você, assim como você compatilha a sua cidade connosco.”

Aidan só precisou de tomar um pouco do perfume de Meriel para puder saber que ela estava com medo. A poucos vampiros agradava ter alguém perto da sua garganta, e menos ainda quando era alguém que não conheciam. Não obstante, ela inclinou a sua cabeça para o lado, oferecendo-lhe acesso ao seu pescoço e sangue. Aidan mal se lembrou de se voltar para os vampiros que se encontravam em frente ao palco; ele quase se tinha esquecido de onde estava.

“Os convidados, serão nossas testemunhas em como, a partir deste momento e durante dez anos, o clã de Meriel vai juntar-se ao meu, assim como eu me junto a ela.”

Olhando novamente para Meriel, percebeu como ela tinha fechado novamente os olhos – desta vez ela estava à espera a dor, não o prazer. Determinado a terminar com a cerimónia rapidamente, ele inclinou-se, descansando a sua mão direita na sua anca, mordeu um ponto baixo do seu pulso. Ele só tirou um pouco de sangue antes de se inclinar para trás. Depois de uma semana sem se alimentar, qualquer gota de sangue que ele tirasse seria doloroso. Um pequeno gemido saiu dela e ela apertou-lhe a mão, as suas unhas se cravaram na sua pele. Ela suspirou quando ele se afastou.

Uma salva de palmas acompanhou o final da cerimónia. Ainda segurando a mão de Meriel, Aidan guiou-a para fora do palco, para onde Stephen estava de modo a abrir um caminho em direcção à escada de mármore que levava ao segundo andar. A banda recomeçou. O candidato estava escolhido, mas a festa ia continuar pelo resto da noite.

À medida que subia as escadas, Aidan teve um vislumbre da mestre de Meriel a sair. Ela olhou para a sala antes de sair. Aidan não gostou da satisfação que viu, quase possessivamente sorriu para todos.

Ela não disse uma palavra até que tivesse fechado a porta da suite principal, fechando a festa do lado de fora apenas um pequeno eco da música chegava até eles. Ela ficou de pé, imóvel, e olhou para a cama uns instantes antes de virar uns olhos acusadores para eles.

“Não é justo”, disse ela, a sua voz tremeu um pouco. “Você exige que os candidatos não se alimentem durante uma semana, depois mordes-me e dá-me apenas um pequeno gosto … tudo isso para que eu fique fraca demais até para me defender!”

Surpreendido pelo ressentimento nas suas palavras, Aidan olhou para ela durante uns segundos antes do riso borbolhar nos seus lábios. “Não foi ideia minha”, disse ele simplesmente.

Andando para a zona de estar e para até uma mesa baixa que se encontrava no canto do quarto, ele pôs o sangue de um jarro que tinha sido deixado em cima de um aquecedor elétrico.

“Nada disto foi minha ideia”, explicou. “Mas quando você chegar à minha idade, vais perceber que as tradições e os rituais podem ter todo o sentido para as pessoas que poêm as suas vidas nas tuas mãos.Tentar por um fim nestes jogos é como tentarmos alimentarmo-nos de uma criança. Pode ser mais fácil, mas não vale o agravamento dos protesto que iam acontecer.”

Ele segurou o copo para Meriel. “Vem te sentar aqui comigo”, disse ele quando ela se aproximou.

Ela deu-lhe um olhar desconfiado, mas olhou para o copo com um ligeiro tom de agradecimento antes de dar uma cheiradela.

“É humano”, disse ele sentado no sofá.

Ele descansou o seu queixo sobre o seu punho e esperou que ela bebesse o sangue. Sobre o seu olhar interrogativo, ele gesticulou para o jarro. As suas mãos tremeram um pouco com a pressa, ela ajudou-se a tomar mais sangue antes de se sentar num sofá em frente a ele. Desta vez, ela tomou um gole como se tratasse de um bom vinho.

“É dos seus servos?”, perguntou ela entre goles.

Aidan não era capaz de se lembrar da última vez que alguém lhe tinha perguntado de onde vinha o sangue. “Não. Nós comprarmos aquilo que consumimos. Os criados vão oferecer se tu pedires,… Só tenta não os matar. Um bom serviço é dificil de arranjar.”

Ela observa-o pasmada. Os olhos de Aidan passaram pela sua recente marca no seu pescoço e mais abaixo pelo seu corpo coberto de cetim. Ela tirou os sapatos, e como ele a olhava ela colocou as pernas por baixo dela no sofá.

“É mesmo?” perguntou ela, um pouco preocupada. “Não existe mais regras?”.

Ele riu novamente. Ela não parava de o surpreender. Ele não podia acreditar que tal pudesse acontecer depois de tantas concubinas.

“Por que você quer regras?”, brincou ele.

“Não”, disse ela rapidamente. “Eu apenas pensei que …”

Ela não terminou. Os seus olhos viraram-se para a cama antes de colocar o jarro de sangue em cima da mesa.

“Só querias saber se eu te iria prender ao pé da cama, nunca te permitindo ver a noite durante dez anos. Era isso?”

Ela fez uma careta. “Algo parecido com isso”.

Isso não o surpreendeu-o. Parecia que todas as concubinas vinham até ele com os mesmos preconceitos. Pelo menos, agora ele sabia a razão da relutância de Meriel.

“Os carros estão na garagem”, disse ele com uma inclinação de cabeça. “As chaves estão na ignição. Podem levá-los à vontade para dar uma volta e ir à cidade sempre que quisseres. O controlo do portão está na gaveta de cima daquela cómoda, assim como vários cartões de crédito. Novamente, podes escolher”.

A sua expressão estava entre a incredibilidade e o espanto.

“Podes redecorar a casa se quiseres”, continuou ele. “Só o meu escritório é que não. Mas ficas avisadas se eu não gostar, eu mudo. Se eu fosse a ti deixava de fora também o quarto dos meus filhos. Alguns deles podem ser bastante … territoriais.”

Ela refletiu sobre as palavras durante um momento. Aidan não mentia. Ela podia procurar por armadilhas o tempo que ela quissesse; não havia nenhuma. Ele já tinha ultrapassado à muito tempo os jogos de palavras.

Ela, por outro lado… Ele descreveu as suas características como ela pensava. Ela começou a morder nervosamente o seu lábio antes de compreender o que estava a fazer e de parar. Este foi um simples gesto, mas mesmo assim disse-lhe tanto. Ela ainda era uma jovem vampira; era indelicado perguntar à quanto tempo tinha sido transformada, mas Aidan podia apostar que ela não tinhas as presas à mais de cinco ou seis anos. Claro, que se ela aprendeu bastante em tão poucos anos. Aidan conhecia a reputação do seu mestre. O facto de que Meriel estivesse viva era a prova de que ela podia aprender depressa.

“Posso convidar os amigos para virem até cá?” perguntou ela por fim, os seus olhos não davam qualquer indicação sobre o quanto ela estava interessada na resposta.

“Claro, desde que eles permaneçam no primeiro andar”.

Ela não reagiu, e fez outra questão. “Posso viajar?”

Elas raramente perguntavam tão rapidamente…

“Eu não posso sair da cidade,” recordou-lhe ele.

Ela congelou. “Isso é um não?”

“Lembras-te dos teus votos, não lembras?”

“A minha presença a teu lado.” Ela citou, para ela própria. Seus olhos se estreitaram e ela acrescentou, “Na tua cama, eu presumo.”

De novo, ela deu um olhar à cama. Ela pegou o fundo labial entre os dentes por um segundo antes de terminar o copo com um longo gole.

“Existe uma segunda suite aqui ao lado,” disse ele mantendo a sua voz neutra. “ Eu vou dormir lá até que me convides a juntar-me a ti”.

Ela tinha-se inclinado para colocar o copo sobre a mesa, e congelou ao ouvir as suas palavras. Desta vez, tudo o que Aidan viu foi incredubilidade.

“Nós somos obrigados a não ter outros amantes”, disse ele enquanto se levantava.” Os próximos dez anos serão bastante longos se tu não te sentires atraida por mim”.

O copo fez um som suave quando foi colocado em cima da mesa. “Tu podias forçar-me”, ressaltou, sentado-se e cruzando os braços sobre o peito. Os seus mamilos endureceram contra o tecido do seu vestido.

“Onde é que estaria a diversão nisso?”, sorriu ele enquanto rodeava a mesa. Colocando-se a seu lado, ele passou as pontas dos dedos pelo seu pescoço. “Além disso, tu sentes-te atraida por mim”.

A sua pele arrepiou-se sobre os seus dedos. “ E você por mim”, indicou ela.

Ela estava feliz por ele não ter negado a sua atracção, e ele não viu nenhum motivo em mentir sobre a sua própria. “Estou, sim. Eu gosto dos seus lábios”.

Ela riu, mas o seu divertimento pareceu-lhe um pouco tenso. “E isso é tudo o que você gosta em mim?”

Os seus dedos traçaram um caminho ao longo do seu maxilar e boca. Ele passou com a ponta do seu dedo indicador pelos lábios dela. “Eu gosto de como você os morde quando está nervosa. Isso faz-me querer saber qual é o seu gosto, também”.

Ela piscou e engoliu em seco. A desconfiança desapareceu do seu perfume, substituido por um timido desejo. Curioso pela forma que ela reagiu, ele tomou o seu rosto com a sua mão, inclinou-se e beijou-a.

\*\*\*\*\*

O mestre de Meriel tinha-a avisado sobre muitas coisas, não sobre a maneira como Aidan beijava.

Os primeiros segundos foram apenas um toque frio, os lábios macios contra os dela, simplesmente pressionando, apenas isso, como que a testá-la. Quando ela não protestou, ele entreabriu os lábios e correu a ponta da lingua contra abertura dos seus lábios. Um calafrio percorreu Meriel, mandando descargas eléctricas por cada polegada do seu corpo. Suas pálpebras fechadas vibraram e ela abriu a boca convidando-o. Ele não aceitou a sugestão e em vez disso capturou o seu delicado lábio inferior, entre os dentes. Pressionando a sua mão na parte de trás da sua cabeça, Meriel traçou os seus lábios com a sua lingua. Ele solto-o e ela consegui sentir o seu sorriso contra ela.

“Deliciosa”, murmurou ele. “Mesmo como eu pensava”.

E então ele voltou a beijá-la, mas desta vez sem reserva ou hesitação. A sua lingua invadiu a boca dela e dançou com a lingua dela, pressionando e empurrando e roubando cada um dos pensamentos coerentes que existiam nela. A sua mão deslizou pela sua bochecha até ao seu ombro, em seguida, ao longo do seu braço antes descer até à sua cintura. Ele puxou-a de encontro ao seu corpo, e uma pontada de desejo passou pela sua barriga quando ela sentiu a erecção dele contra sua pele. Beijando-o de volta freneticamente, ela escorregou as suas mãos por debaixo do casaco dele e empurrou-o pelos ombros até cair no chão. Em seguida atacou os botões da camisa dele, e não conseguindo ter cuidado quando alguns deles saltaram, com a pressa. Ela puxou a camisa para fora, pondo a descoberto o peito dele.

Ele interrompeu o beijo, apenas para lhe acariciar o pescoço e o ombro com a boca. Com as mãos descansando sobre o peito dele, Meriel apercebeu-se que ele a estava a levar para a cama. Ela tomou uma longa respiração antes de lhe procurar pelos lábios.

Não havia razão nenhum para ela ficar preocupada, ela pensava em como, as mãos tremiam um pouco, ela tirou-lhe o cinto antes de se atrapalhar com o fecho das calças. Tudo estava a correr de acordo com o plano do seu mestre.

Ela sentiu a beira da cama contra as suas pernas apenas uns segundos antes de que o Aidan a deixa-se sobre ela. Capturando as suas mãos, ele as levantou acima da sua cabeça e pressionou o seu corpo contra o dela, mais uma vez olhando para o pescoço dela e passando pelas marcas do seu pescoço com a ponta da lingua, esperando não voltar a abri-los. A sua coxa estava pressionada contra o centro das suas pernas, fazendo-a desejar muito mais do que esse simples toque e tirando um gemido ofegante da sua garganta.

Abruptamente, Aidan rolou os seus corpos de modo a que ela ficasse em cima dele. Ele soltou-lhe as mãos, e ela continuou com a exploração da pele dele.

“Quando é que o vais fazer?”, perguntou ele em voz baixa.

Ela gelou e olhou para ele, assustada por um segundo.

Ela estava a ser boba, disse para ela mesma. Ele não podia saber. Ofegante, ela perguntou: “Fazer o quê?”.

Aidam nem mesmo pestanejou. “Tentar me matar”.

Chocada, ela saiu de cima dele, lembrando-se mais uma vez, não, ele não estava a ler a sua mente. Ele não podia. Mas então como ele sabia, ela perguntava-se enquanto olhava para ele, atordoada demais até para negar a acusação.

“Eu não sou idiota”, continuou ele, a calma na sua voz desmentia a paixão que ele tinha vindo a manifestar até à alguns momentos. “Eu sei porque o teu mestre jogou você para mim. Você escondeu-o bastante bem, mas ela deixou-me lê-la como um livro aberto.”

Enquanto ela retrocedia até ao chão, Meriel manteve os olhos nele, esperando que ele atacasse a qualquer momento. Ele não podia estar tão calmo quando ele sabia que ela tinha sido enviada para o matar.

“Ela contou-lhe quantas concubinas é que eu já tive?”, perguntou ele casualmente.

Ela respondeu à questão, na esperança de ganhar algum tempo. “Uma dúzia?”

Reclinando-se sobre as almofadas, ele juntou as mãos na parte de trás da cabeça, numa imagem perfeita de relaxamento. “Quinze. E sabes quantas tentaram me matar?”

“Não”.

“Onze. As quatro que não tentarem ficaram os dez anos como estava acordado, tornaram-se mestre por direito próprio, e foram criar os seus próprios clãs. Os onze que tentaram …”

A sua voz foi sumindo à medida que as suas feições foram endurecendo.

Meriel engoliu em seco, juntando as mãos, “Você as matou?”.

Ele abanou a cabeça, encontrando os seus olhos. “Eu nunca matei uma concubina. Elas ficaram trancadas em seus quartos durante os dez anos.”

Parecia muito simples. Meriel esperou alguns segundos, e quando ele não acrescentou mais nada, ela perguntou, “E depois deixou-as ir?”

“E depois”, disse Aidan, frio e calmo, “ ela já não eram minhas concubinas”.

A sentença era inofensiva. Mas a ameaça por detrás, no entanto, era muito clara. Um arrepio desceu pela coluna de Meriel.

“Pensa sobre isso”, continuou ele, ainda calmamente. “Será que vale a pena tentares matar-me? O teu mestre já não te pode magoar. Nada te força a voltar para ela depois de terminar os dez anos.”

Um sorriso apareceu no rosto de Meriel, embora não fosse alegre. Ele não conhecia Leean se ele pensava que ela podia escapar tão facilmente. De pé, ela deu alguns passos para trás e passou os dedos pelo cabelo. A parede à direita da cama era feita de tijolos expostos. Eles pareciam antigos e bonitos, mas forte, inabalável - assim como Aidan.

Ela sabia desde o começo que ela tinha sido colocada no meio de um jogo perigoso. Ela não sabia era que se veria entre duas ameaças de morte.

“Ela está na cidade”, disse ela, voltando a olhar para ele. “Ela estará na cidade durante os próximos dez anos. Quantas ocasiões terá ela para me matar se eu não fizer o que ela quer?”.

As feições de Aidan finalmente deixaram passar a perplexidade. Ele deslizou para fora da cama e veio até ela, com as mãos nos bolsos. “Você acha que eu ia deixá-la?”

Com os braços à sua volta, Meriel encolheu os ombros. “Porque você me iria proteger se você acha que eu te quero matar?”.

Ele ergueu os olhos para o tecto, deixando escapar um pequeno suspiro. “Honestamente, Meriel, eu pensei que você estivesse a prestar atenção.” Deixando a mão descansar na parede de tijolo atrás dela, ele inclinou-se para falar encostado ao seu ouvido. “Você é a minha concubina”.

Ele disse a última palavra lentamente, destacando cada sílaba de modo a que ela se conseguisse aperceber da verdade escondida por detrás de cada palavra. Meriel franziu o cenho para ele, confusa. Ele não devia estar chateado por ela ter planeado matá-lo? Porque razão estava ele a oferecer-se para a proteger se ele acreditava que ele era perigosa para ele?

Os dedos de Aidan desceram e subiram ao longo do seu braço, electrizando a sua pele. “Pense nisso”, disse ele suavemente. “Vou deixar-la sozinha. Têm sido uma noite longa”.

O toque sensual continuou até chegar ao seu ombro e pescoço até que ele a beijou no rosto. Ela fechou os olhos e deixou que ele a beijasse da mesma maneira delicada e apaixonada como tinha sido na primeira vez. Não estando realmente consciente do que estava a fazer, ela estendeu a mão e pressionou as palmas contra o seu peito nu. A sua pele era tão maravilhosa. O desejo dela voltou à vida, todas aquelas conversas de morte foram esquecidas. Ela queria mais disto, mais dele – e antes que ela desse por isso, ele estava de saida.

Com o seu peito a doer, ela observou Aidan a sair e a fechar porta atrás dele. Ela permaneceu quieta durante alguns momentos, em que pensamentos inquietos a percorreram. Ela queria ir atrás dele, mas se ela fosse, ela não tinha a certeza do que ela queria, fazer sexo com ele ou matá-lo. Ela não sabia se qualquer uma das ideias era boa no momento. No final, ela foi até à porta e a fechou antes de subir para a cama. Ela não sabia se podia confiar em Aidan. Ela também não sabia se se podia dar ao luxo de confiar nele. De qualquer maneira, ela teria sorte se ela tivesse viva até ao final da semana, quanto mais dez anos.

\*\*\*\*\*

No início da tarde, Meriel saiu do quarto para ir explorar a mansão. Ao acordar, ela encontrou o banheiro da suite e o closet. O último estava cheio com enorme quantidade de roupas para mulher de todos os estilos e tamanhos. O seu instinto estava a escorregar para uns confortáveis jeans e camiseta. Era o que ela estava acostumada a usar na casa do seu clã, o que ela tinha usado, muitas vezes, não como humana. As feições do seu mestre ainda bombavam na sua mente, no entanto, ela fez com que a sua pele ficasse brilhante e vestiu um vestido simples branco. A sua missão era clara. As palavras de Aidan tinham semeado a dúvida na sua mente, mas depois de pensar em tudo isso, ela apercebeu-se que na verdade não tinha qualquer alternativa.

Ela saiu do seu quarto com a cabeça levantada e com uma postura que ela esperva que transmitisse relaxamento. A verdade era, ela estava preocupada. Para além de Aidan, ela só tinha conhecido o seu guarda-costas Stephen na noite anterior, e ele tinha deixado bem claro que não confiava nela. Depois de Aidan ter falado das suas concubinas anteriores, ela conseguia perceber porquê – tal como ela podia adivinhar que a suspeita de Stephen sobre ela não iria desaparecer em tempos próximos.

Ela podia ouvir vozes vindo das portas fechadas e enquanto ela andava pelo corredor, mas não encontrou ninguém até que ela desceu as escadas. O salão tinha sido limpo do palco e das mesas, deixando-o estranhamente vazio. Ela olhou à sua volta, sem ter a certeza para onde ir. Ela contou seis portas e dois corredores em volta do salão, ela só sabia qual deles levava à porta principal. Ela desejava poder sair dali, claro que não iria ser tão fácil.

“Posso ajudá-la, minha senhora?”

Ela quase começou com um susurro. Perdida nos seus pensamentos, ela não se apercebeu da aproximação da delicada mulher. Meriel estudou a mulher enquanto ela perguntava. Com o cabelo cinzento e um aústero vestido preto, ela estava confiante mesmo em frente a um vampiro que não conhecia. Isso dizia muito sobre ela, e também sobre o dono da casa que ela servia.

“Eu espero que sim”, replicou Meriel com um tímido sorriso, “Pode mostrar-me onde está o escritório do Mestre Aidan?”

A criada murmurou. “É a terceira porta além. Embora ele não esteja lá no momento. Ele está a nadar.”

Guardando a surpresa para ela, Meriel pediu as direcções para chegar à piscina. A criada levou-a ao longo de dois corredores e três portas até uma sala tão larga como o salão, totalmente revestida por grandes pedras irregulares que estavam estranhamente quentes sobre os seus pés descalços. No centro da sala, algumas mesas de café e chaise longues rodeavam a zona da piscina sobre um quadrado com quase 100 metros de comprimento. Luzes brilhantes estava dispostas no tecto abobado que estava pintado de azul-céu, davando a ilusão de uma luz natural.

Meriel aproximou-se da borda da piscina e observou Aidan. Ele estava quase na outra extremidade da piscina e nadava de volta para ela com grandes braçadas, braçadas que mostravam os seus ombros e braços.

“Porque não te juntas a mim?”, ofereceu ele quando chegou à extremidade em que ela se encontrava e parou para emergir da água.

Ela abanou a cabeça de um lado para o outro e deu um sorriso envergonhado. “Não trouxe fato de banho”.

Rindo, ele atravessou os últimos metros para a escada e saiu da água. Só então é que Meriel entendeu o que lhe estava a parecer tão divertido: ele estava a nadava nu.

Cantarolando para si mesma, ela virou-se para pegar no robe que estava em cima de uma das cadeiras. Quando ela se voltou, segurando o robe, ela não conseguiu impedir que os seus olhos lhe percorressem o corpo.

Décadas como vampiro não lhe roubaram o tom bronzeado da pele - que devia ser sua desde o nascimento. Os músculos do peito tal como ela tinha descoberto na noite anterior estavam ainda mais atraente com pequenas gotas de água deslizando pela pele, parecendo implorar que uma mão o secasse. Seu olhar desceu. Aidan riu, e ela percebeu que ele estava novamente a zombar dela.

“Obrigado”, disse ele, com a diversão ainda presente na voz. Ele vestiu o roupão e apertou o cinto frouxamente na cintura. A cabeça dela inclinou-se de lado observando-o com olhos brilhantes. “Devo perguntar-me se você ainda tem o jogo em andamento?”.

Ela voltou o seu olhar para ele. “Pensas que estacas são as minhas únicas armas?”

“Eu não sou estúpido. Eu apenas pensei que estacas eram a minha única preocupação agora já que você já usou o seu encanto feminino em mim.”

Meriel soltou um suspiro, “Sim, e ele funcionou tão bem que você foi dormir em outro quarto.”

Ele esticou o braço a traçou a curva da sua mandibula com as pontas dos dedos. “Se você queria que eu ficasse, tudo o que tinhas que fazer era dizê-lo”.

Reprimindo o arrepio que o seu toque provocou, Meriel colocou um sorriso nos lábios. Ela odiava jogar assim com ele. Ela consolou-se com o pensamento de que, pelo menos, a sua atracção era genuina. “É mesmo?”. Ela capturou a mão dele e diminuiu a distância entre eles. “E se eu fizesse isto?”

Ela inclinou-se, cruzando os últimos centimetros entre eles e beijou-o. No mesmo momento, a sua mão livre deslizou para dentro do roupão e em torno da sua cintura até descansar no seu rabo. Ela deu-lhe um aperto suave.

“Você pode ser mais específica”, disse ele, a sua lingua deslizou pela sua bochecha, quando os seus lábios traçaram o queixo e mandibula. “Eu vou odiar ter que entender o que está errado.”

Dando um passo a trás, ela revirou os olhos para ele. Puxou o fecho na lateral do vestido e deixou-o cair no chão, ficando nua na frente dele. Ela encontrou os seus olhos por um momento antes de saltar directamente para a água. Sentiu o quente contra o frio da sua pele. Quando ela emergiu, ela deslizou o seu cabelo para trás e olhou para ele.

“Isto é bastante explicito para você?”

Ele deixou cair o robe e mergulhou, braços estendidos na frente dele e espirrou quase toda a água. Nadando debaixo de água, ele se aproximou dela e saiu da água fazendo que os seus corpo se tocassem um contra o outro. Meriel descansou os braços sobre os ombros dele. Os seus mamilos endurecidos roçavam pela pele dele sempre que ela chutava a água por baixo dela. As suas mãos seguravam-lhe a cintura tão levemente que ela podia libertar-se sem qualquer esforço.

“Pelo menos”, disse ele com um pequeno sorriso, “agora eu tenho a certeza que você não tem nenhuma estaca”.

“Tens a certeza absoluta?”

“Bem, eu ainda posso pensar em alguns lugares em que você podia esconder uma estaca.”

A sua gargalhada “ eu não estou com brinquedos”, informo-lhe ela, ainda rindo.

“Verdade?”, ele levantou as sobrancelhas para ela. As suas mãos ainda lhe seguravam a cintura levemente, os seus polegares traçavam circulos sobre a pele dela com se fosse fogo. “Brinquedos podem ser divertidos.”

“Deixe-me corrigir isso. Eu posso não ter brinquedos mas posso por as minhas mãos em algo parecido com isso.”

Ela pontuou as suas palavras tomando o pénis dele na sua mão. Ele cresceu na sua mão, e ela deu-lhe um pequeno puxão. Um pequeno gemido saiu do seu peito. Usando a palma da mão no seu ombro, ela levantou-se um pouco da água, apenas o suficiente para ser capaz de envolver os seus quadris com as suas pernas. De uma vez, ela começou a orientar o pênis dele até ás suas dobras. Afinal, ele tinha pedido que ela fosse mais especifica …

Ele parou-a com um aceno de cabeça. “Aqui não”, disse ele, com as mãos firmes em sua cintura e segurando-a longe o suficiente para que ele não deslizasse para dentro dela. “Tu não estás para brincadeiras; mas eu não estou para exibicionismos”.

Decepcionada, ele largou o pênis dele depois de lhe dar uma última caricia, mas manteve a mão no seu ombro e as pernas em volta da sua cintura. “É engraçando quando isso vem de alguém que nada nu”.

Ele encolheu os ombros e estes desciam e subiam na água. “Nadar é uma coisa. Fazer amor com a minha concubina é outra”.

Ela recusou-se a morder a isca. Ele podia chamar aquilo de fazer amor ou do que ele quissesse. Para ela, seria fazer sexo. Ela queria isto – queria-o – ela também se recordou que em breve ele estaria morto.

“Vamos para outro lugar, então?”, perguntou ele depois de alguns momentos em silêncio.

Meriel assentiu bruscamente com a cabeça e eles separaram-se. Ele nadou na frente dela e saiu em primeiro lugar. Quando ela pisou as escadas ele já minha um robe preparado para ela. Ela ouviu vozes vindo detrás dele, e apercebeu-se que ele protegia o seu corpo da visão de dois vampiros que tinham acabado de entrar na sala.

“Nós temos que encontrar um fato de banho para a próxima vez”, disse ele, num tom casual.

Amarrando o cinto na cintura, ela o viu envolvido a cintura numa toalha que estava em cima de uma cadeira. Mas fez muito pouco para esconder a erecção dele.

“Vamos ter que encontrar também um para você também, então”, disse ela secamente. “Eu não estou na disposição de partilhar os meus amantes, nem mesmo à vista deles”.

Uma risada subiu pela sua garganta quando ele a pegou, um braço por baixo dos seus joelhos e outro à sua volta. Ele baixou a cabeça e beijou-a antes de subir as escadas. Fechando os seus olhos, Meriel descansou a cara contra a curva do seu pescoço. A sua mão direita estava no seu cabelo, fazendo pequenos remoinhos. Ele sentia-se confortável, pensou ela. Muito mais do que ela esperava ser possivel depois dela ter conhecido o Aidan na noite anterior. Por agora, ela podia deixar-se esquecer qual a razão dela estar ali.

Ela abriu os olhos novamente quando ouviu a porta fecha-se atrás deles. Ele levou-a para o quarto dela. Ele colocou-a ao lado da cama, e ela olhou-o enquanto ele tirava o cinto do robe e a despia. Anteriormente, ele tinha estado risonho e brincalhão. Agora, ele mostrava de maneira inconfundivel a luxúria.

Ele afastou os fios de cabelo molhado e descansou as mãos em ambos os lados dos seu rosto, passando ligeiramente os polegares pelas suas bochechas. Ele acariciou a boca com a sua, afastando-se quando ela esperava aprofundar o beijo. Seus lábios pressionados contra o seu rosto, ponta do seu nariz, pálpebras, sobrancelhas, cada toque tão leve que Meriel não tinha a certeza se ela estava a imaginar.

Seus lábios deslizaram pela sua pele até chegar à curva do seu pescoço. Ignorando o seu mal-estar, ela inclinou a cabeça de lado, concedendo-lhe melhor acesso. Ela suspirou baixinho quando chupo a marca que havia deixado na noite anterior e tremores passaram pelo seu corpo, despertando-a ainda mais. Ela podia sentir a humidade entre as suas coxas, e não tinha nada haver com a piscina. As suas mãos agarraram as suas costas, as suas unhas desenhavam linhas na sua pele. Ela ficou tensa quando sentiu as suas presas, apenas um segundo antes dele abrir a mordida, e fechou os olhos em antecipação à intricada mistura de dor e prazer que acontecia quando se partilhava sangue. Aidan provou a marca com a ponta da sua lingua antes de tirar um pouco de sangue. Ela sentiu a cabeça subitamente leve, Meriel gemeu silenciosamente.

“Posso?”, perguntou ela, tentando e falhando para não soar com se ela estivesse a implorar.

Ele parou e puxou-a para trás para que ela pudesse ver os seus olhos novamente. As suas feições não revelavam nada. “Pretende-me matar em breve?”

Ela hesitou alguns segundos antes de responder, “Não”.

Ele curvou uma canto dos seus lábios, embora o resultado não pudesse ser chamado de sorriso. “Noutra altura, talvez. Quando tu deixares de hesitar.”

Ele puxou-a para a cama e manteve-lhe as pernas fechadas com os joelhos. Seu pênis foi pressionado contra a coxa dela quando ele se inclinou sobre ela, capturando as duas mãos com a sua mão esquerda, colocando-as por cima da sua cabeça. A sua mão direita, entretanto, foi acariciar a sua pele, quase tocando-a. Meriel tentou chegar ao seu toque, mas ela estava presa sob ele, ela não podia fazer muito. Ela podia tirá-lo de cima dela se ela quissesse, mas isso iria arruinar o seu humor.

Durante longos minutos, Aidan explorou o seu corpo com as pontas dos dedos, deixando a sua pele em chamas e fazendo com que ela quissesse mais. Ele acariciou cada centimetro dela com os seus dedos, em seguida, passou a fazer a mesma coisa com os lábios e a língua. Quando ela gemia ou se retorcia contra ele, Meriel apercebeu-se depois de um tempo, que ele permânecia no mesmo lugar um bom tempo, puxando as sensações. Ele estava descobrindo quais eram as suas partes mais sensiveis, percebeu ela mais tarde, sentindo-se um pouco idiota por não o ter percebido antes. Então porque ele quereria mapear as partes erógenas do seu corpo, ela não conseguia entender. Não tinha sido ele próprio a dizer que sabia o que ela tinha a fazer? Será que ele tinha a esperança de convencê-la a não o matar se o sexo fosse bom o suficiente?

O pensamento incomodava-a. Ela não era tão fraca que depois de uma ou duas rodadas de sexo se esquece-se de tudo, e Aidan era um idiota se achava que sim.

“É a minha vez.”

Ela libertou as mãos e empurrou levemente os ombros dele. Aidan rolou e ficou de costas. Ela seguiu o seu movimento e deitou-se ao lado dele, deixando que a sua mão descansa-se no peito dele.

Uma linha branca irregular na sua pele bronzeada por cima das costelas chamou a sua atenção e ela seguiu-a com o dedo.

“Faca”, disse ele simplesmente.

Ela olhou para o seu rosto antes de olhar novamente para a cicatriz. Parecia ser tão nitida, ou tinha sido feita à poucos anos, ou tinha-a recebido ainda como humano. Ela queria perguntar sobre isso, mas ela não se atrevia. Conhecê-lo melhor não iria ajudá-la a cumprir a sua missão, longe disso.

Abandonando a pequena linha, ela procurou por mais informações na sua pele lisa, sedosa, e ficou surpreendida pela quantidade que encontrou. Ela tocou em cada uma delas gentilmente com o dedo antes de pressionar os seus lábios contra a cicatriz. Quando ela o fez, ela perguntou-se quantas vezes teria ele se defendido desde que se tornou um mestre. Muito mais vezes do que ela o tinha feito, imaginou ela. Mesmo assim, ela não tinha dúvidas das suas possibilidades quando ela o fosse fazer. O seu mestre tinha-a treinado bem, e qual a melhor maneira de baixar as defesas de Aidan do que atraí-lo para que ele dormisse nos braços dela?

Depois de lhe dar rédea solta durante alguns minutos, Aidan agarrou os seus braços e puxou-a até que ela estivesse por cima dele. Sentindo cada centimetro da sua pele contra a dele, ela procurou a sua boca e introduziu a sua lingua para a acariciar a dele. Ela podia ser o pênis dele preso entre os seus corpos, rígido e húmido, mas não tão molhado como ela. Sua mão escorregou-lhe; ela levantou-se para permitir o acesso, terminando o beijo. Com as mãos descansando na cama em cada lado dele, ela olhou para onde se encontrava o pênis dele. Ela ficou em transe, e por um momento ela esqueceu tudo o que não fosse ela ou ele. A única coisa que importava para ela era tê-lo, o seu belo pênis, dentro do seu corpo.

Ela olhou para ele e pôde ver a pergunta nos seus olhos. Ela assentiu. Ele sorriu enquanto seu pênis estava sobre as suas dobras, provocando e espalhando a humidade em volta. Na passagem seguinte, ela baixou-se sobre ele abruptamente, fazendo-o entrar nela. Eles ofegaram, e por um momento ficaram quietos, com os olhos fechados e saborearam juntos a primeira união dos seus corpos.

As mãos dela repousaram no peito dele como alavanca, Meriel levou algumas investidas enquanto subia e descia do seu corpo, levando-o um pouco mais longe em cada investida. As mãos dele estavam nas suas ancas reforçando o ritmo dela enquanto os seus olhos a percorriam, acariciando-a com tanta intensidade com as suas mãos e boca como estava a fazer anteriormente.

De repente, ele colocou os braços à volta das suas costas e puxou-a contra ele. E então ele rolou em ambos os lados. As mãos dele deslizaram pelas suas coxas, pedindo silenciosamente. Ela ouviu-o e levantou a sua perna para colocá-la sobre as dele, abrindo-se mais para ele.

Enquanto ele estabelecia um lento ritmo de entrada e saída, a mão na coxa dela viajou para acariciar o seu rabo, as suas costas, pescoço e peito. Meriel contentou-se em ser passiva durante mais algum tempo, mas o ritmo intensificou-se, ela só queria tocá-lo. As pontas dos seus dedos passaram pelos seus lábios e ele beijou-os. Os seus lábios estavam molhados pelos tempo que ela demorou até os passar sobre os seus mamilos, fazendo-os crescer tensos para ela.

Ele fez um som baixo, na sua garganta, e um arrepio passou por Meriel. No instante seguinte, ele puxou-a para trás e empurrou mais rapidamente dentro dela. A sua mão esquerda agarrava a sua cabeça, com o polegar acariciava o rosto dela, enquanto a mão direita se colocava entre eles para que os seus dedos lhe pressionassem o clitóris entre cada uma das estocadas. Um fogo ardia dentro de Meriel, cada vez mais brilhante e mais quente a cada toque de Aidan.

Ela queria acariciá-lo, devolver o prazer que ele lhe dava, mas ela não conseguia encontrá-lo nela para o dar. Ela apenas podia assistir ao jogo de sensações que passavam pelo rosto dele, só podia ouvir a sua respiração acelerada e gemidos, só podia sentir a necessidade a aumentar enquanto as estocadas que ele dava os estavam a empurrar cada vez para mais perto do orgasmo.

Quando ele atingiu Merial, era como um relâmpago a espalhar-se por ela cegando-a por um segundo. O seu corpo arqueou-se de encontra o dele, atraindo-o para o prazer dela, e ela sentiu que ele se agitava contra ela e dentro dela.

Aidan repousava sobre o corpo dela por alguns segundos e, em vez de ser pesado ou sufocante, o peso dele era quase reconfortante. Quando ele saiu dela e se deitou ao seu lado, ela rapidamente sentiu falta do seu corpo e virou-se para ele, pressionando as suas pernas e o resto do corpo contra ele.

“Uau”, disse ela, ainda ofegante.

“Uau?”, repetiu ele, olhando para ela com uma sobrancelha levantada.

“Dez anos não me parecem tão longos”.

Os seus olhos se arregalaram de prazer. A sua risada enviou um arrepiou pela espinha de Meriel. Ele chegou e tocou o seu rosto com as pontas dos seus dedos, acariciando. Sem pensar, Meriel inclinou-se para o seu toque.

“Já te alimentas-te?” perguntou ele depois de algum tempo.

“Não. Eu estava para ir à cidade esta noite”.

“Gostarias de companhia?”

Quanto mais cedo, ela hesitou, apesar das diferentes razões. Quando ele perguntou se ela pretendia matá-lo, ela teve necessidade de mentir e tinha medo do que ele seria capaz de dizer. Agora, ela podia dizer-lhe a verdade – sim, ela queria que ele fosse com ela – e foi a facilidade com que a resposta chegou que acalmou a sua língua, confundindo-a.

“Noutra altura, talvez”, disse ele com um pequeno e torto sorriso.

Meriel abanou a cabeça. “Não. Eu quero dizer, sim. Eu quero companhia. Vem comigo?”

O seu sorriso aumentou, tornando-se mais natural – e mais bonito. Parte dela esperava ser capaz de sorrir novamente. Ela duvidava que tivesse muito mais razões antes que ela o tivesse morto.

\*\*\*\*\*

Meriel apenas tinha entrado à pouco tempo no chuveiro, mas uma névoa fina enchia a casa de banho. Em vez de se juntar a ela imediatamente. Aidan descansou as suas costas contra a porta e observou-a através do vidro fosco do chuveiro. As curvas do corpo dela pareciam que o chamavam, para que as mãos dele as percorressem, e para que a boca dele as explorasse novamente. Ele não conseguia resistir por muito mais tempo.

Abrindo a porta do chuveiro, ele escorregou para dentro atrás de Meriel. As costas tensas, sem dúvida em cautela, mas relaxou novamente quando colocou as suas mãos nos ombros dela e os massajou suavemente.

“Eu pensei que você se estava a preparar no seu quarto”, disse ela, o seu tom fez das palavras uma pergunta.

Aidan escovou os seus cabelos de lado, descobrindo os ombros e pescoço. Ele pressionou um beijo na parte de trás do pescoço dela. Ela estremeceu contra o suave toque. “Eu mudei de ideia”, disse ele, com os seus lábios a acariciar a sua pele a cada palavra. Pegou num sabonete e trabalhou uma espessa espuma com cheiro a lavanda nas suas mãos e antes de lavar os seus ombros e costas. Ele passou o chuveiro e lentamente vez o caminho para o seu rabo onde ele passou um pouco mais de tempo do que era necessário.

Meriel virou-se para o enfrentar. Água batendo nas suas pálpebras, e o calor do chuveiro tinha colorido a sua pele de um rosa pálido. Brilhante e molhada, a sua boca não estava de outra maneira se não irressistivel.

Com uma mão suave, ela tirou-lhe o sabonete e percorreu com ele o peito dele, deixando que a mão dela passasse para afastar a espuma.

“Mudou também de ideia sobre a caça, também?”, perguntou ela com a voz rouca.

“Não, nós vamos. Em breve.”

Ele traçou uma série de suaves beijos ao longo da sua clavícula. A sua mão direita estava nas suas costas, então veio descansar na parte de trás da sua cabeça, acompanhando o seu movimento sem o forçar de maneira nenhuma. A maneira como ela se moveu contra ele, no entanto, deu-lhe uma clara ideia de que ela queria, e ele foi beijando-a até ao centro do peito e ao longo da curva do seu seio direito.

Ele lambeu um caminho até ao seu mamilo e brincou com ele com os seus lábios e língua, adicionando uma pitada de dentes quando a mão de Meriel foi colocada na parte de trás da sua cabeça puxando-o contra o seu seio. Deixando um excitado e tendo mamilo para trás, virou-se para o outro seio e infligiu-lhe as mesmas deliciosas torturas até que ela gemeu baixinho e pressionou os seus quadris contra o seu pênis.

Ciente de que já tinha prestado bastante aos seus seios, Aidan foi deixando um rasto de beijos à medida que ia baixando pelo corpo dela, acariciando-o e colocando-se de joelhos, as mãos dela guiaram-no à medida que ele deslizava pelo seu estômago, ancas e então as suas coxas.

Ele lambeu o delicado sulco onde o seu quadril se encontra com a sua anca e deu um pequeno murmuro de apreço por isso. Muito gentilmente, empurrou as suas ancas até que ela estivesse encostada aos azulejos.

“Segura, agora”, murmurou ele de encontra a suave pele da sua perna. Sem mais aviso, ele pegou gentilmente no seu tornozelo e levantou-o. Ele guiou a sua perna para cima até que a sua coxa descansou no seu ombro, oferecendo-lhe as suas partes intimas aos seus olhos, boca e dedos.

Ele inclinou-se para a frente e os seus dedos passaram pelos seus pêlos púbicos, acompanhando os seus movimentos mesmo puxando-o um pouco mais depressa para ela. Ele deixou-a guiá-lo até ao seu centro e traçar os seus lábios com a ponta da sua língua. Os seus dedos apertando quase dolorosamente, exigindo mais. Ele obedeceu e desta vez pressionou a sua língua contra a sua abertura, mergulhando brevemente antes de subir para o seu clítoris.

“Sim”, sussurou ela, “Aí mesmo”.

Afastando-se, ele pressionou uma série de pequenos beijos contra a sua coxa. Ela estremeceu e gemeu de frustação, as mãos dela estavam a tentar levá-lo para onde ela necessitava mais. Quando ele pensou que já a tinha excitado o suficiente que ela pudesse aguentar, ele deslizou a sua boca de volta para a sua buceta, passando directamente para o seu clítoris. Acendeu-o com a sua língua durante alguns momentos, os quadris de Meriel levantaram-se contra ele para acentuar o contacto. Ele pressionou a sua mão esquerda contra o seu lado para tentar acalmá-la. Em seguida, delicadamente, ele tomou o seu clítoris entre os dentes e chupou. Meriel gemia continuadamente, silenciosos sons que foram directos para as bolas de Aidan.

Sem nunca deixar de chupar o seu clítoris, ele soltou a sua coxa e levou a sua mão direita para a sua buceta. Ele empurrou um dedo pelas suas dobras. Ela estava tão molhada que os seus dedos deslizaram facilmente, e ele rapidamente adicionou um segundo, ondulando os dois para cima na procura daquele ponto sensível que –

“Aidan! Meu Deus! Por favor!”

Ele sorriu contra a sua carne trémula, ele parecia que o tinha descoberto. Levantando a sua cara para olhar para ela, Aidan usou o seus polegar para pressionar ritmadamente o seu clítoris.

“Tão bonito como este”, murmurou ele.

As suas mãos deixaram a cabeça dele e estavam agora agarrando os seus seios. A sua cabeça estava inclinada para o lado, boca aberto e olhos fechados. O seu peito arfava em cada respiração ofegante que ela dava, e o seu corpo tremia sob a água quente enquanto o orgasmo se aproximava.

“Linda”, disse ele de novo. O cheiro almíscarado do sexo estava a deixá-lo tonto, “Tu não vens por mim, Meriel?”

Um terceiro dedo juntou-se aos outros dois que bombavam dentro e fora dela, regressando sempre para aplicar a pressão no ponto que a fazia contorcer sob o seu toque. De repente, o corpo de Meriel ficou rigido, enquanto a sua vagina apertava os seus dedos. Não ousando sequer piscar com medo de perder um só momento de prazer dela, Aidan bebeu a visão dela, o seu gemido ofegante e a agitação do seu corpo.

Gentilmente levantando as suas coxas dos seus ombros, ele colocou o pé para baixo e ficou outra vez, descansando o seu corpo ao lado dela para que o seu excitado pênis ficasse pressionado contra as ancas dela. Ele estava certo que ela tinha aberto os olhos antes que ele trouxesse os seus dedos, encharcados na humidade dela, para a sua boca. O gosto do prazer dela estourou na sua língua. Outro pequeno tremor sacudiu o seu corpo.

“Posso …” a sua voz era profunda e crua. “Tu queres-me…”

Embora ela não tenha terminado a sua oferta, Aidan entendeu. Ele foi tentado, mas deu um pequeno aceno com a cabeça e, pegando na mão dela, levou-a até ao seu pênis. Quando ela colocou pela primeira vez a boca nele, ele esperava que durasse mais que alguns segundos.

Uns segundos da mão dela acariciando o seu necessitado pênis era tudo o que ele precisava para chegar ao augue com um suspiro que Meriel abafou com um beijo.

Ele devia saber melhor, pensou um pouco vagamente, mas de manhã, se ela estivesse tão inclinada, ele só queria ir dormir para a sua cama.

\*\*\*\*\*

Cada vez que o motor do convertível roncava, respondendo à mais pequena pressão que a Aidan fizesse com o seu pé no acelerador, ele não conseguia parar de pensar na maneira como Meriel tinha respondido nos seus braços, respondendo a cada um dos seus toques. Ajustando o seu ardente pênis nas suas calças, ele estava contente por ela estar ali ao lado. Ela tinha feito pouco mais que passar uma escova pelo cabelo depois que ela saiu do chuveiro e estava a encaracolar à medida que o vento o secava, fazendo com que Aidan esteja desejoso de passar os seus dedos pelos caracóis.

Enquanto ele foi colocar umas calças pretas e uma camisa ao seu quarto, ela tinha encontrado um vestido no closet. Eles tinham trocado um sorriso percebeu que ela usava uma longa saia vermelha que condizia com uma camisa em cor e tecido. O vestido ajustava-se ás curvas dela, mostrando-as e fazendo com que Aidan ardendo para tocá-las novamente. Ele descansou a sua mão na coxa dela, incomodado pelo facto que a pequena bolsa no seu colo bloquea-se o caminho para um toque mais intimo. Ia ser uma longa noite até que regressassem a casa.

“Onde é que gostas de caçar?” perguntou ele enquanto se aproximavam do centro da cidade.

“Normalmente em clubes de dança”.

Ele murmurou acerca disso, favorecida pelo seu vestido sexy, e virou em direcção a uma discoteca perto do centro financeiro, “Eu conheço o sítio ideal”.

Ele parou o carro uma rua depois do bar, e ela tomou o seu braço enquanto se dirigia para lá. O porteiro deu um olhar a Aidan e puxou as cordas dando-lhe acesso ao interior. Ainda notou que Meriel olhou para a linha de pessoas que esperavam para entrar, mas ela não disse uma palavra.

Um longo bar com bancos altos alinhados ao longo do lado esquerdo do estabelecimento, com meia dúzia de empregados servindo os clientes. Na parte de trás da sala, uma mesas e sofás esperavam pelos dançarinos cansados, mas a esta hora a multidão estava ainda no meio da sala, dançando ao som das lentas batidas do quarteto de jazz que se encontrava no canto da sala.

Os lábios de Aidan encostaram-se à orelha de Meriel quando ele murmurou, “ Eu vou estar no bar. Mostra-me como é que caças”.

Ela deu-lhe um sorriso e andou pelo meio da multidão, braços levantados e logo balançando ao ritmo da música. Sentado no bar, Aidan observou-a a dançar, com uma atitude sexy mas com os olhos calmos e afectuosos. Ela ignorou casais e mulheres a dançar sozinhas, em vez disso prendeu o seu olhar sob um homem alto que tinha estado a observar os dançarinos desde a borda da pista de dança. Apontando um dedo para ele, ela chamando-o até ela quase com demasiada facilidade.

Aidan virou-se para pedir um shot de vodka. Quando olhou novamente para Meriel, a boca dela estava com a garganta da presa. A cabeça dele estava inclinada para trás com óbvio prazer. Os braços dele estavam à volta dela, uma das suas mãos estava na parte de trás da cabeça dela, com os dedos passando pelo cabelo dela, e a outra estava acariciando o rabo dela.

Uma chama branca passou por Aidan, cegando-o para tudo o que não fosse a Meriel. Levou-lhe algum tempo para ele perceber o que estava a sentir, e quando o fez, a surpresa encheu-o. Tinha passado muito tempo desde que ele tinha experimentado o ciúme. A emoção era quase estranha para ele, e ele não gostava muito disso. Desde que ela mantivesse os laços como concubina, ela era livre para dançar ou alimentar-se de quem ela quissesse. Então porque é que o sangue de Aidan fervia pelo vislumbre dos lábios dela no pescoço daquele homem, com as mãos dele acariciando-a, tocando naquilo que tinha sido explorando por Aidan ainda à algumas horas?

Sufocando um rosnado que estava tentando subir pela sua garganta, Aidan afastou-se do bar e seguiu para a pista de dança. Meriel tinha as suas costas viradas para ele, mas a sua presa estava olhando directamente para ele. No seu rosto devia estar algum sinal de advertência porque os olhos do homem se arregalaram e ele engoliu em seco, as suas mãos estavam-se afastando dela. Quando Aidan chegou ao pé dela, o homem deu um passo trémulo para trás e afastou-se de Meriel. Ela virou-se, e o seu rosto iluminou-se com um sorriso divertido quando ela o viu ali.

Ela dançou até ele e colocou os seus braços à volta do pescoço dele, movendo o seu corpo para perto dele com o ritmo da música. Ele descansou as mãos na cintura dela e puxou-a para perto.

“Ciúmes?” disse ela, provocando.

Ele esforçou-se por não reforçar o seu domínio sobre ela, “Ás vezes, sim”, ele admitiu. “Importas-te?”

Os dedos dela traçaram sensuais padrões sobre os ombros dele. “ Não particularmente. Tem sido um longo tempo – “

Ele inclinou a cabeça para um lado e procurou no rosto dela quando ela parou. “À muito tempo?” repetiu ele.

Ela encolheu os ombros e deu-lhe um pequeno sorriso. “Um longo tempo desde que alguém se importou o suficiente para sentir ciúmes.”

O primeiro instinto de Aidan foi fazer perguntas que começavam por “quem” e “à quanto tempo”, mas ele apenas murmurou, “eu acho difícil de acreditar”.

Sem acrescentar uma palavra, ela descansou a sua bochecha contra o seu ombro. A mente de Aidan estava cheia por centenas de perguntas, nenhuma das quais ele se atrevia a perguntar agora. Meriel era sua concubina e amante, mas eles apenas se conheciam à apenas um dia. Haveria um tempo para perguntas pessoais, mas ainda não tinha chegado. Tudo o que Aidan podia esperar era ter tempo suficiente.

Ela não tinha a certeza se iria conseguir.

Por vontade própria, com os seus braços à volta de Meriel. Ele tentou manter a contrariedade fora da sua voz quando ele voltou o rosto para ela e disse contra a sua orelha, “ O teu mestre está aqui”.

Ela ficou tensa contra ele e afastou-se, os seus olhos de imediato revistaram a sala. Ele inclinou a cabeça na direcção em que Leean se encontrava. Ele observou os traços de Meriel enquanto ela seguiu o seu gesto e encontrou o seu mestre. O seu rosto estava agora inexpressivo. Aidan não gostou nada disso, tal como não gostou de ver como Leean se aproximava deles com um enganoso sorriso.

“Mestre Aidan”, disse ela, a sua voz como mel grosso.

“Meriel, querida. Não tive a chance de te felicitar a noite passada”.

Aidan assentiu bruscamente, mesmo quando Meriel murmurou uma palavra de agradecimento.

As duas mulheres olharam uma para a outra. Leean levantou a sobrancelha, e Aidan podia jurar que sentiu que Meriel recuou contra ele.

Meriel deu-lhe um sorriso tenso. “Toda esta dança deixou-me com sede”, disse ela, quase defensivamente. “Importas-te?”

Aidan importava-se. A última coisa que ele queria era deixar Meriel sozinha com a sua mestre para que ela lhe relembra-se o que ele sabia que ela tinha sido mandada fazer – ou para ser punida por ainda não o ter feito. No entanto, quando ele estava quase a sugerir que todos fossem até ao bar, com a mão fechada dela no antebraço e ela disse, “Por favor?”, disse ela com uma voz muito calma.

Cerrando os dentes, Aidan acenou novamente. Ele mandou um olhar de advertência a Leean antes de iniciar o seu caminho através da multidão até ao bar. Ele pediu dois copos de vinho e virou-se para olhar para Meriel e Leean enquanto ele era servido. Com a música pulsando em torno do club, ele não conseguia ouvir uma palavra do que o que ela diziam, e demasiadas pessoas estavam na frente da linha dele, o que tornava dificil ele ler os lábios delas. Ele podia interpretar as suas linguagens corporais, embora. Leean tinha a parte superior do seu corpo inclinada para Meriel, descansando as suas mãos nos ombros de Meriel e parecia que a queria tirar da sua frente. Meriel resistiu, olhando à sua volta várias vezes, mas nunca na direcção do bar. Ela inclinou a sua cabeça no final, a sua atitude era muito submissa para que Aidan gostasse. Carrancudo, ele não esperou pela sua chance e pegou os dois copos do bar.

Quando ele chegou perto de Meriel, Leean não estava em lugar nenhum. Meriel pegou no copo que ele estendia sem encontrar os seus olhos e esvaziou-o num longo gole. Carrancudo, Aidan chegou-se um pouco mais perto dela, suficientemente perto para ter uma boa ideia do seu cheiro. Ela estava assustada, ele percebeu com uma explosão de raiva. Era uma boa coisa para Leean que ela tivesse saído tão rapidamente.

“Não tens nada a recear”, disse ele, encontrando os olhos de Meriel, e colocando uma mão no seu braço. Ele apertou gentilmente, esperando confortá-la. “Eu disse-te que te iria proteger”.

Ela sacudir os ombros, tirando a mão dele, e olhando à volta. “Porque é que pensas que eu preciso de protecção?”

Pegando o seu queixo com a sua palma da mão, ele puxou delicadamente o rosto de volta para ele. Os seus olhos estavam preocupados, e ela estava a morder o seu lábio inferior.

“Está escrito na tua cara, Meriel. Quando nos encontramos pela primeira vez, tu estavas a guardar as emoções de mim, mas agora já não estás. Qualquer um pode ver que estás preocupada e assustada. Ela ameaçou-te, não foi?”

Meriel parecia rasgada, e Aidan podia facilmente adivinhar porquê. Se ela confirma-se as suas suspeitas, ela ia trair o seu mestre. Mentindo para ele, no entanto, ela estava a colocar-se em perigo.

“ Eu não trato bem as pessoas que me ameaçam a mim e aos meus”, disse ele, muito consciente de que quando ela olhou para ele, ela poderia interpretar as suas palavras, quer como ameaça ou como outra tentativa para a confortar. Na verdade, cabia a ela decidir. Ele tinha sempre feito os seus votos com o coração, e só uma concubina levantando uma arma contra ele é que o fazia virar contra ela. E ele esperava que Meriel percebesse isso – percebendo isso ela tinha uma chance, de que ela não tinha de viver mais segundo as regras do seu mestre – e perceber isso antes que ela cometesse um erro que ele não poderia perdoar.

\*\*\*\*\*

Meriel não podia fazer mais nada do que olhar para Aidan. Ele não acrescentou nada, mas os seus olhos implorando para ela acreditar nele: acreditar que ela podia trair a pessoa que detinha a sua vida nos últimos sete anos, a pessoa que a tinha tornado no que ela naquele momento, a pessoa que lhe tinha prometido uma morte dolorosa se ela não fizesse o que ela mandava.

Ela queria acreditar nele. Mas ela não tinha a certeza se podia. Ela só o conhecia à poucas horas, durante as quais ele tinha tentado repetidamente convencê-la a confiar nele. O problema era, que na última vez que ela tinha confiado num vampiro, ela tinha perdido a sua vida.

Ela não tinha mais tempo para hesitar. Leean tinha-lhe dado um prazo. Antes que a noite acabasse, estava acabado, de uma maneira ou de outra. Fechando os olhos, ela deu uma respiração profunda. Quando ela os abriu novamente, a sua decisão estava feita.

“Vamos voltar para a mansão.”

O gelo que cobriu as suas palavras surpreendeu-a. Ela tentou aquecê-las com um sorriso, mas ela tinha medo que se transformasse numa careta quando o seu estômago se fechou com o nervosismo.

Aidan olhou para ela com um olhar inexpressivo. Os seus braços continuaram à volta dela enquanto ele a guiava em direcção à saída, eles deixaram os seus copos numa bandeja ao lado da porta. Ela teve que se abster de se apressar deixando que ele a seguisse.

“Deixas-me guiar?”, perguntou ela, cheia de impaciência, quando chegaram ao carro.

Aidan deu-lhe a chave com nada mais que um movimento da sobrancelha. Ela agarrou-as e ligou o carro, fazendo-o rugir para a vida mesmo antes dele fechar a porta.

Ela guiou depressa, mais depressa do que o que ele tinha feito, mais depressa do que o devido. O foco dela estava completamente na estrada, bloqueando tudo o resto. Era mais fácil daquela maneira. Aidan, porém, começou ela a notar, raramente permitia que as coisas fossem fáceis para ela.

“Qual é a pressa?” perguntou ele depois de alguns minutos onde apenas se ouvia o barulho do carro.

Meriel manteve os seus olhos virados para a frente, enquanto ela respondia “Eu desejo-te”.

Ela lançou um suspiro sonoro. “Bom. Desde quereres matar-me até me desejares, no período de um dia.”

Ela não respondeu. Ela sentia demasiada culpa para se atrever a dizer uma só palavra. Ele podia adivinhar na sua voz, e depois o que iria acontecer?

Ela manteve-se quieta até que eles estavam a apenas um quarteirão da mansão. “Podes abrir os portões? Eu deixei o meu no quarto”.

Ele tirou o pequeno controlo do seu bolso e carregou no botão. Na frente deles, os portões começaram a abrir-se. “ Da próxima vez confirma que o levas quando fores sair sozinha”, avisou-a ele. “Ou vais ficar presa lá fora até que alguém regresse”.

Ela assentiu distraidamente. Ela sabia bem. Mais do que uma vez, ela tinha ouvido Leean queixar-se de que o perímetro à volta da mansão de Aidan estava demasiado protegido para que se pudesse realizar um ataque sem contar com alguém do interior.

Ela abrandou à medida que ela conduzia pelo beco até à mansão, mas mesmo assim os pneus chiaram levemente quando estacionou o carro na garagem. Aidan abanava a cabeça enquanto saia do carro, mas ele não disse nada. Meriel correu para fora e interceptou-o na frente do carro. Ela colocou a sua bolsa no capô do carro de modo a libertar as suas mãos e de imediato começou a desabotoar os botões da camisa dele.

“Vamos para dentro”, sugeriu Aidan, capturando os seus pulsos.

“Não”.

“Não?”, repetiu ele, parecendo divertido.

“Eu quero-te”, disse ela sombriamente. Rompendo com a sua espera, a sua mão direita deslizou para baixo até acariciar o seu pênis, como a mão esquerda ela puxou a camisa para fora dos ombros dele. “Eu quero-te agora”.

“Meriel, Eu-“

A voz falhou-lhe quando ela apertou o pênis dele contra as suas calças. Sorridente, ela o viu engolir em seco e rapidamente lhe desabotoou as calças. Ela abaixou-lhe as calças e boxers pelas pernas e envolveu o seu pênis com ambas as mãos. A sua ponta começou a verter líquido pré-semén; ela esfregou-o ao longo do seu comprimento.

“Pushy”, comentou ele com pequeno rugido.

“Importas-te?”

Ainda acariciando-o com a mão direita, ela usou a esquerda para pegar na mão dele e levá-la até ao seu pênis. Ele pegou o ritmo e ela esqueceu completamente dele, e por alguns segundos ela observou-o, negligentemente lambendo os lábios. Ele era lindo como tudo, tocando-se mas olhando para ela com um olhar intenso. Ela teve que deviar o olhar. Recuando até que as suas pernas tocaram no carro que estava a trás dela, ela puxou o vestido para cima até ás coxas e sobre os seus quadris, expondo a sua calcinha. Ela empurrou-a para baixo pelas suas pernas antes de se sentar no capô ainda quente do carro, então deitou-se.

“Eu não me importo, não”, disse ele depois de um tempo, os olhos dele passaram pelo corpo dela. “Particularmente, não. Passou já muito tempo desde que alguém me deseja deste jeito”.

Ela abriu os braços para ele, chamando-o para a ela, e terminado o intercâmbio com um sorriso. “Eu acho isso difícil de acreditar”.

Ele inclinou-se sobre ela, descansando o peso no seu antebraço, correu primeiro um dedo pela sua fenda, em seguida dois. Ela viu-o espalhar a sua humidade sobre o seu pênis e sentiu uma pontada de necessidade a ressoar dentro dela.

“Dentro de mim, por favor”.

Não houve provocação ou preliminares desta vez. Os seus olhos arderam de desejo, ele puxou por uma das suas coxas e entrou nela com uma rápida estocada. Meriel gritou, empurrando-se contra ele para o levar mais fundo. A mão direita de Aidan fechou-se contra os seus seios quando ele dava as suas primeiras estocadas. Depois de uns momentos, ele rosnou e rasgou a alça fina do vestido dela, colocando os seus seios à disposição dos seus carinhos. Os dedos de Meriel cravaram-se no seus ombros. Ele gemia. A pressão nos seus quadris era um pouco mais difícil, um pouco mais rápida, e o barulho da carne dele contra a dela ressoava um pouco mais alto.

Se anteriormente eles tinham feito amor, desta vez era puro sexo. Era violento e carnal e apesar de Aidan não a morder, Meriel pensou que isso dizia mais sobre eles como vampiros do que outra coisa que tenham feito até agora – e ela adorou cada segundo.

Com a sua ligação tão intensa, não poderia durar muito. Depois de uma dúzia ou mais de estocadas, Aidan veio com um grunhido, o seu corpo inteiro caiu sobre ela. Mesmo assim, ele continuava movendo-se contra o seu clitóris, e depressa ela o estava seguindo na borda.

O corpo dele ainda estava tremendo contra ela quando ela puxou a sua bolsa que estava no capô perto dela. A sua mão curvou-se para ela. Ela podia sentir a forma da estaca dentro dela. Ela só precisava de um segundo para a tirar, e não mais que isso para a colocar na parte de trás de Aidan e furar o seu coração.

Isso era o que ela supostamente tinha que fazer. Isso era o que ela se tinha preparado para fazer durante toda a noite.

Ela simplesmente não podia suportar mais o pensamento.

Deixando a sua bolsa, enrolou o braço sobre as suas costas nuas e puxou-o para mais perto dela.

“ Os teus filhos estão em casa?”, perguntou ela, as suas palavras estavam abafadas contra o seu pescoço. “Ou eles sairam para caçar?”

Os lábios de Aidan acariciaram a sua bochecha “A maioria deles deve estar aqui a esta hora”, murmurou ele, “Mas ele não-“

“Chama-os”, ela interrompeu-o. A voz dela soava fraca e um pouco rouca. “Chama-os a todos”.

Ele afastou-se dela e levantou-se. Puxando os seus jeans, ele olhou para ela. Ela pode ver uma lenta compreensão descer sobre ele. O desapontamento dele fez o estômago dela torcer-se dolorosamente. “O que é que se passa?”

Meriel desejava poder parar, mas era tarde demais. Ela ou tinha dito de mais ou não tinha dito o suficiente. Ela tinha que terminar, mesmo que isso significasse admitir ao Aidan que ela lhe tinha mentido até ao momento.

“Diz-lhe para se armarem. Porque dentro de alguns momentos, o meu – “

Ela parou-se a tempo antes que dissesse “mestre”. Ela estava quase a trair o seu clã, e, ela compreendeu em choque, que ela não sentia culpa ou arrependimento, apenas o sentimento de que ela não lhes pertencia mais. Ela pertencia com o Aidan – se ele ainda a queria depois disso.

“O clã de Leean está vindo”, terminou ela. “Eles têm o controlo para abrir os portões. Eles esperam que estejas morto quando eles chegarem, e eles pretendem matar todos os outros.”

\*\*\*\*\*

Por uns segundos, uma dormência paralisou Aidan. Ele sabia o que esperar de Meriel desde o momento em que ele a tinha escolhido como concubina, e assim ele não se surpreendeu. O que o surpreendeu foi o quanto a sua traição o feriu. Será que ele a queria assim tanto, já? Era por isso que se tinha sentido tão ciumento no club?

“Bem?” perguntou ele asperamente. Ele abriu os braços para ambos os lados, expondo o seu peito nu. “O que é que esperas?”

Quando ela não fez mais que olhar para o chão, ele virou-se e caminhou para fora da garagem e entrou em casa. Ele correu para a caixa do interfone perto da porta de entrada e fez-a abrir com um gesto irritado.

“Filhos”, a sua voz trovejou por toda a mansão, amplificada por autifalantes em cada quarto. “Estamos prestes a ser atacados. Armem-se e descam até ao salão. Humanos, trancam-se no quarto de pânico até que seja seguro para sair”.

Sentiu que Meriel andava por detrás dele enquanto ele falava. As suas costas estavam tensas, ele virou-se para ela, sem ter a certeza que quando se vira-se ele fosse estacado no coração. Um flash de surpresa passou por ele quando a encontrou vestindo a sua camisa sobre o seu arruinado vestido, as mangas demasiado compridas cobriam as suas mãos enquanto ela cruzava os seus braços sobre a cintura.

A sua boca estava apertada. Olhando para algum lugar atrás do seu ombro esquerdo, ela perguntou, “Queres que eu saia?”

Aidan moveu-se para perto até que ela não teve alternativa a não ser encontrar os seus olhos. Ela estremeceu com o que ela viu lá, mas ele sentiu pouca satisfação ao saber que ele a assustava.

“Tu és minha concubina”, disse ele com uma voz lenta e baixa. “Nove anos, trezentos e sessenta e quatro dias mais. Vai para o teu quarto e fica fora do caminho. Eu não vou tocar-te, mas eu não posso prometer que os meus filhos serão tão brandos.”

Ela acenou e virou-se. Ela manteve os seus olhos nela enquanto ela subia as escadas, cruzando-se com vários dos seus filhos que estavam correndo para baixo. Deram-lhe olhares frios mas não lhe lançaram uma palavra ou gesto. Mesmo Stephen não lhe deu mais do que um olhar. Quando ele veio colocar na mão de Aidan uma espada, ele deu-lhe um olhar exasperado mas absteve-se de expressar “eu bem que te avisei” o que Aidan estava à espera. Ele assentiu, grato por ambos a sua arma e pela sua retracção.

Aidan deu as suas ordens rapidamente, e os seus filhos assentiram em consentimento. Só uma dúzia se encontrava em casa quando ele os chamou para descerem. O clã de Leean tinha mais vampiros que o seu, mas a maior parte deles eram recém-nascidos, com mais de metade dos seus filhos se podiam transformar em mestres por mérito próprio se eles quissessem. Eles sabiam como lutar. Eles também sabiam quando não fazer questões. Haveria tempo, depois, para explicar como ele sabia que o ataque se estava para realizar – não que fosse muito complicado de explicar.

Quando eles chegaram, eles era mais do que Aidan esperava. Parecia que Leean tinha criado mais vampiros recentemente, provavelmente preparando-se para este mesmo evento. Não importava. Aidan não se podia começar a imaginar que o resultado da luta se viraria contra si.

Ele viu Leean quando o seu clã corria para a mansão, mas muitos dos peões dela estavam entre eles os dois, e ele perdeu-lhe o sinal. Agarrando o punho da escada com ambas as mãos, ele levantou-a e cortou a garganta do primeiro vampiro que corria para ele. Ele tornou-se cinzas no momento em Aidan lhe cortou a cabeça.

Aidan depressa perdeu conta do número de vampiros que ele matou. As cinzas tornaram o chão escorregadio e deu ao ar um cheiro de terra e morte. Ele tentou não se preocupar com os seus filhos, confiando neles para se protegerem. Quando tudo estivesse terminado, seria então hora de contar os vivos e chorar os mortos.

Ele sentiu que tinham passado horas antes que Aidan se encontra-se no centro de um círculo frouxo formado pelos seus filhos. Apenas um inimigo estava de pé em frente a ele, o inimigo que ele tinha exigido que os seus filhos lhe deixassem. Leean tinha sido desarmada mas ela continuava com o queixo erguido, actuando para todo o mundo como se fosse ela que tinha a espada na mão e não ele.

“Leean”, disse ele calmamente. “Eu não me lembro de te convidar para aqui esta noite”.

Ela cruzou os braços sobre o seu peito e ainda teve o descaramento de sorrir. Será que ela não percebeu? Será que ela não podia ver que todo o seu clã estava transformado em cinza sobre os seus pés?

“Tu não me podes matar”, disse ela, com a voz cheia de confiança. “Os nossos clãs são aliados”.

A mulher estava louco. Não existia outra explicação que Aidan pudesse ver.

“Aliados, sim. Nós eramos aliados. Até que tu me atacaste.”

Ele aproximou-se dela, colocando todo o seu poder na espada e levantou-a até que descansa-se contra o seu pescoço. Pela primeira vez, a sua calma pareceu quebrar-se, e ela engoliu em seco. Uma chamada suou por detrás de Aidan.

“Aidan. Espera.”

As suas mãos tremeram quando ele reconheceu a voz, e a lâmina da sua espada cortou o pescoço de Leean. Aidan ficou muito quieto. Na frente dele, a expressão de Leean tornou-se uma mistura de esperança e triunfo. Muito devagar, ele virou-se para Meriel. Stephen colocou-se em frente dela, os seus ombros bloquearam-na da vista de Aidan.

“Deixa-a falar”, disse Aidan com a voz áspera.

As costas de Stephen estavam visivelmente tensas. Ele perguntou sem tirar os olhos de Meriel. “Mestre. Você colocou-me como chefe da sua segurança – “

“Eu coloquei. Mas agora eu digo deixa-a falar.”

Com uma pequena maldição, Stephen deu um passo ao lado. Meriel andou em frente. Ela tinha mudado para umas jeans desbotadas e uma t-shirt. Cinzas cobriam as suas roupas, cara e mãos. Na mão direita dela estava uma estaca que ela segurava tão facilmente que lhe falava da familiaridade entre ela e a arma. O seu rosto estava sombrio e determinado quando ela parou em frente a Leean e Aidan.

“Eu não gosto de pessoas que me traem a mim e aos meus”, disse ela com uma voz baixa, com os seus olhos indo e voltando entre os dois.

Aidan apenas tinha um segundo para se perguntar se ele tinha sido razoável em deixar que ela se aproximasse, perguntando-se se podia confiar mais uma vez que ela tinha feito os seus votos com o coração. Quando o braço dela e estaca desceram, ele apercebeu-se que desde o começo ele conhecia a resposta.

\*\*\*\*\*

Com Aidan a escorregar para dentro dela, Meriel não conseguiu parar que um pequeno suspiro de contentamento passasse pelos seus lábios. A mão dela alcançou para cima, procurando, e de imediato a mão de Aidan estava lá. Eles apertaram-se um contra o outro, com os dedos entrelaçados como se fosse assim por muito tempo das suas vidas.

Ele levou tempo, com estocadas preguiçosas dentro do corpo dela, atiçando lentamente o fogo do desejo entre eles. Levando a sua mão livre até ao rosto dele, Meriel guiou a boca dele até aos seus lábios e beijou-o ligeiramente antes de inclinar a cabeça por um lado. A boca dele deslizou pelo seu delicioso pescoço, a sua língua saiu para dar pequenas lambidas.

Meriel arqueou-se o seu corpo, empurrando-o mais para dentro do seu corpo enquanto ela esperava pela mordida. Aidan usou a sua língua e lábios para marcar as suas marcas de mordida e para brincar com ela um pouco mais antes de finalmente deslizar os seus dentes nela.

Cada nervo do seu corpo dela tremia de prazer, Meriel fechou os seus olhos. Os seus dedos apertados em torno dele, e ela levantou a cabeça para encostar o nariz ao pescoço dele. Em resposta, diminuiu o empurrão para puxar o sangue dela com um pouco mais de força, deixando um suspiro sair dos seus lábios.

Sem uma palavra, ela levou as suas presas até ás marcas de mordida que ela tinha deixado na pele dele em anos anteriores e abriu-os, completando o círculo de sangue entre eles. O gosto dele era como poder puro deslizando pela língua dela e aquecendo-a até que ela podia jurar que o sol estava a brilhar sobre ela.

Uma última vez, o pênis de Aidan entrou dentro dela. Ele ficou lá, enterrado até ao cabo, e juntos eles beberam com mais força ainda. Uma explosão de cores começou por detrás das pápebras fechadas de Meriel. A sua boca deixou o pescoço de Aidan para deixar sair um profundo gemido de prazer. As ancas de Aidan estremeceram incontrolavelmente contra ela por alguns segundos, ele deitou-se quieto salvo pela sua pesada respiração contra o pescoço dela.

Era sempre prazeroso para ela isso, mesmo sabendo que ele tinha vivido como vampiro por muitos séculos antes dela, ela podia sempre fazê-lo esquecer-se de que ele não precisava de respirar.

Com o seu pênis a escorregar para fora dela, Aidan rolou para o lado para se deitar próximo dela. Ela enroscou-se contra ele, pressionando um beijo contra o seu peito a apenas uns centrímetros de onde a sua mão tinha descansado.

“O nosso último dia”, disse ele suavemente.

Meriel cheirou suavemente o seu ombro. “Tu disseste isso à dez anos atrás. Esperas que seja diferente desta vez?”

Os seus dedos tocaram no seu cabelo, que estava longo e alguns fios ficaram entre eles. “Diz-me”, murmurou ele, virando a sua cabeça para pressionar os seus lábios contra a sua testa. “Já estás cansada de mim?”

Ela soltou um pequeno barulho. A mão dela que estava no peito dele começou a acariciar enquanto ela deslizava para baixo pelo seu estômago. “Estás?”

Os dedos dela chegaram à base do seu pênis e, levemente como penas, roçando pelo comprimento dele, despertando-o, juntamente com o seu próprio desejo.

“Ainda não”, replicou ele, com as palavras presas na sua garganta. “ Eu encontrei outra coisa em você que eu amo.”

Rindo levemente, ela enrolou a sua mão sobre o seu excitado pênis e puxou uma vez mais. “Verdade? O quê?”

Aidan rolou os corpos deles de modo a ficar deitado sobre ela uma vez mais. Os olhos dele olharam para baixo para dentro dos dela, cheios de calor e amor. Ela nunca esperou encontrar essas coisas nele quando ele a escolheu como sua concubina. Ela também nunca esperou que ela se apaixonasse em vez de o matar tal como era suposto ela fazer. E acima de tudo, ela nunca tinha imaginado que ele abandona-se o ritual de escolha de uma concubina a cada dez anos apenas para que eles tivessem mais tempo juntos.

Inclinando-se, ele sussurou ao seu ouvido quando ela o guiava para dentro dela. Dez anos mais em frente a eles – ou, quem sabe, toda a eternidade.

Fim

Revisora: Margarida

Revisão Final: Margarida